

Autora de *Escute teu silêncio*

Petria Chaves

como sei o
que sei

O desenvolvimento da
intuição como trilha
para nossa inteligência
ancestral (IA)

academia

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Petria Chaves

como sei o
que sei

O desenvolvimento da
intuição como trilha
para nossa inteligência
ancestral (IA)

academia

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Petria Chaves, 2025
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Todos os direitos reservados.

Preparação: Mariana Gomes
Revisão: Valquíria Matioli e Queni Winters
Projeto gráfico e diagramação: Gisele Baptista de Oliveira
Capa: Gabriela Pires
Ilustrações: maniacvector / Freepik

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Chaves, Petria
Como sei o que sei / Petria Chaves. - São Paulo : Planeta do
Brasil, 2025.
272 p. : il.

ISBN 978-85-422-3805-1

1. Intuição – Desenvolvimento pessoal I. Título

25-3630

CDD 153.44

Índices para catálogo sistemático:
1. Intuição – Desenvolvimento pessoal



Ao escolher este livro, você está apoiando
o manejo responsável das florestas do mundo

2025
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Sumário

PREFÁCIO	9
INTUIÇÃO: UM DIÁLOGO NO TEMPO DENTRO DO CORPO	17
PARTE I	
A descoberta da intuição	21
CAPÍTULO 1 Afinal, o que é intuição?	23
CAPÍTULO 2 Um saber muito além da ciência	38
CAPÍTULO 3 Como aprender a ouvir os sinais?	54
CAPÍTULO 4 A experiência intuitiva em cada um	67
CAPÍTULO 5 Sincronicidades	85
CAPÍTULO 6 Curto-circuito na história	100
CAPÍTULO 7 A ciência em busca de consciência	120
PARTE II	
Intuição acontecendo na vida cotidiana	149
CAPÍTULO 8 Uma arte de viver	151
CAPÍTULO 9 Quando é intuição ou piração da minha cabeça?	160
CAPÍTULO 10 Sopro misterioso do espírito	178
CAPÍTULO 11 À beira de um burnout	187
CAPÍTULO 12 Intuição na construção de satélites	201
CAPÍTULO 13 Respiração nas decisões intuitivas	211
CAPÍTULO 14 Medicina que olha para as estrelas	227
CAPÍTULO 15 IA: a inteligência ancestral	244
NOTAS	257

Afinal, o que é intuição?

"Intuição é um nível diferente de computação.

Seu cálculo acontece de tal maneira que você não passa pelo processo lógico. Intuitivo significa que sua computação está pulando os passos lógicos e chegando à resposta. O que é definitivamente uma maneira mais sensível de conduzir a vida. É um algoritmo bioquímico."

SADHGURU⁶

Sou jornalista há cerca de vinte anos. Há doze, apresento um programa de rádio em uma das maiores rádios do país. Meu programa acontece ao vivo, no calor da hora e dos acontecimentos.

Aprendi a gostar da adrenalina do que acontece no presente. Mas nem sempre foi assim. Quando mais jovem, a ansiedade de não saber o que fazer diante de situações desafiadoras me levou a me capacitar para estar cada vez mais presente em meu corpo. Eu não admitia viver em dor,

embora sentisse muitas. Sempre acreditei que, como me foi dada a oportunidade de ter uma voz pública amplificada, precisava com urgência me preparar ética, filosófica e intelectualmente para ocupar esse lugar. Algo que me cobro diariamente e que estou sempre correndo atrás. Foram incontáveis retiros espirituais, cursos sobre filosofia, treinos de atenção plena quando quase ninguém falava sobre esse assunto na grande imprensa. Quando comecei essa jornada, cerca de vinte e cinco anos atrás, comer mais natural e praticar yoga era algo de gente alternativa.

Meu papel como jornalista sempre foi o de buscar pontes entre mundos aparentemente distantes. Um caminho que segui, posso dizer, intuitivamente. Não foi algo planejado, nunca tive um plano de carreira que me mostrasse aonde eu iria chegar. Sou guiada por aspirações e visões. Entretanto, o que me norteou foi isso que chamam de intuição e que agora busco compreender melhor.

Digo mais: é esse olhar intuitivo para a vida que não me deixa sucumbir num mundo que vive cada vez mais atordado, à base de ansiolíticos, entorpecentes e remédios para dormir.

Na emissora em que desenvolvo meu trabalho, a cada meia hora, independentemente do assunto que estivermos abordando, precisamos fazer uma pausa para ler de quatro a cinco notícias que foram destaque naquele momento. É o quente do noticiário.

Uma semana antes de começar a escrever este livro, em 21 de janeiro de 2024, um domingo, eu li a seguinte notícia no ar:

O número de pessoas com ansiedade generalizada no Brasil aumentou mais de 200% na rede pública desde 2019. No ano anterior à pandemia, mais de 70 mil pessoas procuraram atendimento com o quadro. Em 2023, o número saltou para mais de 274 mil. Os dados do Ministério da Saúde também mostram que os casos de depressão aumentaram 34% no mesmo período. Já o transtorno de pânico teve alta de 93%.⁷

Passado um ano, a uma semana de terminar as últimas páginas do livro cujo manuscrito seria entregue à editora, a capa de um dos principais portais de informação do país que pertence à rede de jornalismo para qual eu trabalho estampava em letras vermelhas garrafais:

EXCLUSIVO: Crise de saúde mental

Brasil tem o maior número de afastamentos do trabalho por ansiedade e depressão em 10 anos. Dados mostram que o país registrou 472 mil licenças médicas por transtornos mentais em 2024 — 68% a mais que em 2023.

O Brasil vive uma crise de saúde mental com impacto direto na vida de trabalhadores e de empresas. É o que revelam dados exclusivos do Ministério da Previdência Social sobre afastamentos do trabalho. Em 2024, foram quase meio milhão de afastamentos, o maior número em pelo menos dez anos. Os dados, obtidos com exclusividade pelo g1, mostram que, no último ano, os transtornos mentais chegaram a uma situação incapacitante como nunca visto. Na comparação com o ano anterior, as 472.328 licenças médicas concedidas representam um aumento de 68%.⁸

Meu trabalho como jornalista noticia estatísticas; meu trabalho humanista não me deixa dormir tranquila noticiando esse tipo de fato sem buscar respostas para o alívio dessa dor. Eu vejo e sinto o que está acontecendo com o meu mundo.

Foi por isso que resolvi pesquisar sobre a intuição como ferramenta estratégica para acionarmos algo de mais humano, sensível, poético, misterioso e, no entanto, prático para o uso em nossa vida. Algo que, para mim, muitas vezes funciona como farol para que eu faça uma pausa antes de entrar em encrucilhados ou de me jogar em situações perigosas de toda ordem.

Pausa.

É difícil definir a palavra “intuição”, até pela sua própria essência. Diz respeito a uma habilidade não racional e não consciente, por meio da qual podemos ter sensações, antecipar fatos sem sabermos explicar como nem por que os sabemos, apenas sabemos. E mais: podemos ter certeza quase completa de que estamos certos quando a intuição está operando. Pela dificuldade de definição, é uma característica que já foi relacionada à atividade paranormal, supersticiosa ou divina.

Do latim *intuitio*, formado a partir da união de “in + tuere”, vem a sentença “olhar para dentro”.⁹ “Mas onde raios está o mapa para isso?” – você pode estar se perguntando.

Autor de inúmeros livros sobre cérebro e consciência, Christof Koch é neurocientista e professor emérito do Instituto Allen for Brain Science e ex-professor do California Institute of Technology. Ele escreve para importantes publicações. Em seu artigo “A intuição pode revelar onde as altas habilidades residem no cérebro”, publicado na *Scientific American*,¹⁰ ele explica que a intuição é o nome que damos à habilidade incomum

de saber respostas de maneira rápida e sem esforço, inconscientemente. A explicação consciente vem depois, se é que vem, e envolve um processo muito mais deliberado. Segundo ele, pode levar anos de treinamento para desenvolvermos a intuição, e ela não é facilmente transferível de um domínio de especialização para outro. O domínio do xadrez é inútil ao jogar bridge. Profissionais que passam uma vida aprimorando habilidades em geral são muito requisitados pela proficiência.

Um estudo interessante feito na Austrália com quase 190 mil atendimentos pediátricos em um hospital revelou que a intuição dos pais pode ser mais eficaz do que os sinais vitais para identificar doenças graves em crianças.¹¹ A principal conclusão da pesquisa foi que, quando os pais dizem estar preocupados com a piora do estado de saúde dos filhos, há uma chance significativamente maior de que a criança realmente esteja em situação crítica, mesmo quando os sinais vitais ainda não indicam isso. O estudo foi realizado pela Universidade Monash, em Melbourne, e publicado na revista *The Lancet Child & Adolescent Health*.¹²

Os pesquisadores sugerem que a percepção dos pais ou cuidadores deve ser considerada parte do processo de decisão clínica, e não apenas um complemento. O estudo também comparou a percepção dos pais com sinais vitais anormais, como mudanças na frequência cardíaca ou respiratória. A intuição dos pais foi um indicativo mais forte de que a criança precisaria de UTI do que qualquer um dos sinais fisiológicos analisados isoladamente.¹³

Como ela acontece na prática em nós, essa tal de intuição? Como podemos ficar proficientes nela? Como percebê-la acontecendo em nós?

Para começar a entender melhor, busquei especialistas brasileiros para me ajudar. Uma delas é Carla Tieppo, doutora em Neurofarmacologia pelo Instituto de Ciências Biomédicas da USP, conhecida por ser uma das neurocientistas pioneiras no país na aplicação da neurociência no cotidiano para fins de autoconhecimento e educação.

Ela começa me explicando que, quando não existe explicação racional para sentirmos alguma coisa, encontramos na intuição um conceito possível para explicar o que estamos vivendo como experiência.

Nossos comportamentos e tomadas de decisão ocorrem em três níveis. O primeiro é o nível do instinto; o segundo, da intuição; e o terceiro, da racionalidade. A intuição habita esse lugar intermediário, de acordo com a especialista. Ela nem é racional nem diz respeito ao que é instintivo em nós, como ter medo de animais que rastejam, por exemplo, algo bem primitivo.

A intuição pode ser traduzida como aquele clássico mal-estar ao entrar em determinado lugar, uma sensação sem explicação. Ou ter a certeza de que precisamos fazer algo com urgência. “Não existe essa figura específica e central da intuição na neurociência, mas ela vai acabar dando conta de vários processos que são intencionais, mas não conscientes, não racionais”, analisa Tieppo.

Aconteceu comigo.

Era domingo e cheguei em casa muito cansada após meu programa de rádio. Normalmente, não me sinto exausta assim, mas naquele dia, estava. Estranhei, mas resolvi não dar bola. Eis que começo a procurar meu celular e não acho de jeito nenhum. “Deixei cair no carro do motorista de

aplicativo”, pensei, embora eu tivesse certeza de que havia colocado o aparelho na bolsa. Procurei pela casa inteira, não encontrei. Comecei a fazer todo o périplo para tentar bloquear aplicativos, ligar para o banco, trocar senha de e-mail. Mas, quando aciono o localizador do GPS, ele me mostra que o aparelho está em casa mesmo. Volto a procurar e meia hora depois o encontro em meu quarto, escondido no meio de um livro; como estava muito exausta, procurei, procurei, mas não percebi que ele estava ali.

Uma hora depois desse susto, eu já estava mais alerta e saí de casa para encontrar amigos num restaurante. Chamei outra corrida pelo aplicativo do celular. Ao avistar o motorista na esquina, acenei para ele com uma mão e, na outra, estava o aparelho. Eis que sinto, sem ver nem olhar, dois garotos se aproximando de mim. Simplesmente, num movimento mais rápido do que minha razão, soltei o celular na bolsa ao perceber com sentidos mais do que racionais. Nem sequer tive tempo de desconfiar, pois não havia olhado diretamente para eles, que poderiam me roubar. Entrei tranquilamente no carro do motorista. Os dois, então, atacaram uma pessoa que estava imediatamente atrás de mim e roubaram sua corrente do pescoço. Mesmo sem vê-los, intuí que aqueles dois homens eram assaltantes. Tive tempo de soltar o celular na bolsa sem fazer nenhum contato visual com eles e ainda dissimulei que não os havia percebido.

Quando vi que tinham pegado a joia da pessoa atrás de mim, tive certeza de ter sido guiada pela intuição. Será que o acontecido anterior em minha casa me deixou mais alerta para o fato que aconteceria uma hora depois? Pode ser, mas nunca conseguirei responder com certeza. Se fossem

outros tempos, minha avó me diria que foram as mãos de um anjo da guarda que me guiaram. A neurociência explica uma informação de percepção afluída que emergiu do meu inconsciente e, ultrarrapidamente, me conduziu a uma ação inteligente que me livrou daquele assalto.

Temos um entrave quando falamos de uma qualidade que surge de um local de inconsciência, não racional. Não foi a razão que me guiou naquele caso. Nossa sociedade geralmente não confia nesse saber sem explicação. Nos ancoramos no dogma de que a racionalidade é nosso grande superpoder. Segundo o psicólogo John Bargh, autor de *O cérebro intuitivo*, “Sigmund Freud apresentou a mente inconsciente como um caldeirão fervente de complexos mal-adaptativos determinado a nos causar dissabor e tristezas, algo que só pode ser superado com a intervenção de nossa mente consciente”.¹⁴

Bargh também cita Descartes, que sustentou que a mente é nossa qualidade divina. O autor conclui que, de acordo com grandes pensadores do passado, “o que é consciente é bom e o que não é consciente é mau. Essa é uma conveniente supersimplificação que também está absoluta e inconvenientemente errada”.

Um conceito que se aproxima da intuição é o da percepção aguçada. A maioria das nossas vivências sensoriais – o que vemos, ouvimos, sentimos a partir do toque – precisam acionar circuitos de memória para serem identificadas, mesmo que de forma inconsciente. Isso acontece porque, quando olhamos para algo, como uma laranja, nosso cérebro procura identificar de imediato experiências sensoriais do passado que vão nos dar pistas sobre aquele objeto no presente. Nosso cérebro faz essas correlações constantemente,

vai aprendendo a aprender e guardando na memória nosso repertório de experiências.

Por exemplo, quando pensamos em um indígena, com seu saber aguçado em relação aos desafios da floresta, imaginamos que ele não precisa já ter visto uma cobra para ter medo de algo que rasteja. Nenhum de nós precisa. Esse algo que rasteja vai acionar circuitos instintivos que nos farão reagir. Porém, se falarmos do cheiro específico de um predador, Carla Tieppo me explica que precisamos nos aproximar algumas vezes desse animal para que o cheiro se torne a característica de uma situação específica. Nosso corpo e nosso cérebro estão captando informações sem que, necessariamente, tenhamos consciência disso.

Nesse sentido, penso que estar presente nos traz outra qualidade para o que armazenamos. Mais presença no corpo, mais consciência. Quando meu celular sumiu em casa, eu não estava em estado de presença, eu estava exausta. Na hora que me deparei com os assaltantes, meus sistemas estavam bastante alertas.

A neurocientista também me conta sobre um evento que aconteceu com ela. Certa vez, foi chamada para uma palestra na periferia de São Paulo. Era um lugar bonito, mas próximo a um local de maior vulnerabilidade. Um motorista particular foi buscá-la. Ela deu a palestra e tudo correu bem. Após essa aula, foi contratada para capacitar professores e precisaria ir àquele local por mais oito finais de semana. Na primeira vez em que foi sozinha, a neurocientista usou um GPS. Mesmo assim, errou o caminho e sentiu medo, pois não conseguia se comunicar com ninguém. Foi um momento de bastante aflição até que conseguiu se encontrar. Um tempo depois,

ela chegou ao local e a aula foi brilhante, ela foi aplaudida e continuou feliz por fazer aquele trabalho na comunidade.

Na quinta vez que foi até lá, Carla precisou trocar de carro, e o GPS não era o mesmo. Ela confiou e foi mesmo assim, porém se perdeu novamente. Ali, passou por uma situação de muito medo, algo que foi muito mais desagradável do que na primeira vez. Eis que, nas semanas seguintes, nos dias que antecediam a aula, Tieppo começou a sentir o corpo estremecer, uma espécie de pânico e taquicardia. Num primeiro momento, ela não associou o mal-estar à experiência que teve ao se perder. “Meu sistema não conseguia discernir se eu queria ou não queria ir para a aula”, ela relembra.

“Aquela foi uma experiência com a intuição”, Tieppo me explica. Algo muito ruim aconteceu e ficou armazenado de forma inconsciente no arcabouço de experiências que nos ajudam (ou atrapalham) na tomada de decisão. São informações preciosas. Não conseguimos fazer facilmente com que essas informações venham para a consciência, mas elas estão completamente presentes. É assim que sabemos muito do que sabemos, mas não nos damos conta.

Segundo John Bargh,

é como se sempre estivessem sendo tocadas três canções. A canção principal (o presente) é tocada no volume mais alto — digamos que seja “Heartbreaker”, porque esta é o Zeppelin em seu melhor — enquanto as outras duas (passado e futuro) estão em constante fade-in e fade-out, e, dissimuladamente, mudando o som como um todo. A sorrateira sutileza é a seguinte: nas profundezas ocultas de sua mente, há letras, melodias e ritmos importantes dos quais você não tem

consciência. Mesmo quando estão alterando de forma significativa o caráter geral da canção que você está escutando, é raro que você saiba como identificá-los.¹⁵

Nesse sentido, Carla Tieppo acredita que a intuição é um processo de aprendizagem.

Quando nosso corpo começa a padecer de males como ansiedade ou até mesmo pânico ou depressão, somos levados a seguir em frente, a sermos “resilientes”, a continuarmos produtivos. Tirar tempo para si seria confessar uma derrota. “As pessoas começam a negligenciar os sinais que o corpo dá. No começo, esses sinais são muito mais sutis, não começam com uma diarreia, começam com um ligeiro e incômodo frio na barriga.” A experiência que Carla me contou sobre o pânico que sentiu por dar aulas naquela escola tinha um agravante: era uma experiência ambivalente, tinha estímulos negativos, mas havia estímulos positivos também, pois as aulas eram incríveis e seu desempenho muito reconhecido.

São esses os conflitos mais desafiadores, pois nos colocam num dilema.

Quantos não são os dilemas em nossa vida? É nessa hora que eu recorro muito à minha sensibilidade e, quando não sei o que fazer, apenas aquieto. Me deixo em silêncio por um tempo, que pode ser longo, pois não tenho capacidade de saber se é a intuição ou o intelecto (o nosso viés de confirmação) que está falando. Nesse momento de meditação e introspecção que pode durar horas, tento me conectar com a percepção dos meus incômodos e com as pistas que meu sistema corpo-mente pode estar me apontando. Tento sair das minhas paixões. Não à toa, intuitivamente, sempre me

pareceu muito saudável recorrer à terapia e à psicanálise para decifrar tantas coisas sobre mim mesma que eu sentia estarem escondidas de mim e que, sozinha, eu não conseguia decifrar.

Como jornalistas, ao entrevistar muitas pessoas, vamos nos munindo de repertório: as reações e os comportamentos dos outros vão nos letrando sobre o ser humano e sobre suas respostas a determinadas perguntas da vida. Muitas vezes, isso se dá de forma inconsciente. Carla Tieppo lembra que o trabalho da psicanálise é justamente dar nomes ao que foi para o inconsciente. A partir da linguagem, tentamos trazer à tona esse oceano de vivências e experiências que enterramos e que não são acessadas com facilidade.

Nesse sentido, se abrir para o outro, para quem é diferente de nós, pode ser uma maneira de apurar o repertório intuitivo. É o exercício da alteridade. Existem diferentes maneiras de viver e enxergar o mundo, muitas informações que podemos obter, informações que, em algum momento da nossa vida, recalamos, escondemos. Olhar para essas diferenças de ser e viver, prestar atenção a elas sem julgamento, pode se somar ao repertório do nosso saber interior. Quando falo sobre alteridade, Carla Tieppo descreve uma das reflexões mais importantes sobre nossa sociedade atual. É quando pensamos em alteridade que podemos entender por que a intuição foi tão abafada nos nossos dias.

Alteridade diz respeito à compreensão e à valorização do “outro”, em todas as suas diferenças. Implica reconhecer e respeitar as particularidades de indivíduos ou grupos diferentes daqueles aos quais estamos habituados. Mas Carla me explica que alteridade não quer dizer respeito apenas ao outro

que está “fora de nós”. Muitas vezes, há um outro representado dentro de nós mesmos, em nossos arquétipos internos.

O arquétipo patriarcal que existe em todos nós nos traz a vivência do regramento, da ordem, da obediência, do foco, dos “tem quês”, do “homem não chora” que aprendemos em nossa cultura. Com isso, estamos todos e todas sufocando emoções e padecendo com índices recordes de males emocionais. “Nossa existência feminina também abriga esse arquétipo patriarcal”, Carla me explica.

Por outro lado, dentro de todos nós existe a vivência matriarcal, que é uma natureza pulsante de escuta da emocionalidade, da nossa relação com o nutrir e o desenvolver. Esses dois arquétipos se confrontam o tempo inteiro em busca da hegemonia. Há a necessidade de buscarmos o equilíbrio da alteridade em nós, somente com isso teremos o equilíbrio de nossos arquétipos e de nossas inteligências internas. Quando estamos muito enquadrados no arquétipo patriarcal, do regramento, da ordem, do controle e do racional, fugimos de processos que não estejam conectados ao que é lógico. Assim, Carla me explica que, quando começamos a sentir o próprio corpo e as emoções, quando porventura nos sentimos mal ou frágeis, nossa resposta interna e imediata é: “Pare com isso, isso é mimimi, é uma bobagem, que baita frescura, esse medo é tolo, seja grato, pense positivo”.

É quando ocorre um colapso do sistema psíquico malcuidado, malnutrido e silenciado.

A dinâmica da vida é o conflito. A vida é esse dilema que começa dentro de nós e que, do lado de fora, pode-se enxergar nos espelhos para se resolver. Se negamos o espelho e preferimos dissimular que a vida é perfeita, criamos conflitos

ainda piores do que os originais. Segundo a neurocientista, no modelo de vida que vivemos atualmente, funcional e pragmático, estamos buscando respostas simples para questões demasiadamente complexas; temos o conflito, não temos maturidade para resolvê-los. Deriva daí o positivismo tóxico das redes sociais, com respostas fáceis muitas vezes conectadas a teorias de prosperidade furadas, desempenho e meritocracia e que se afastam profundamente do saber intuitivo, com frequência paradoxal, que demanda tempo de escuta, treino, investigação, autoanálise, coragem e sinceridade.

A intuição conversa conosco pela visceralidade. É o frio na barriga, o aperto no peito, a diarreia que surge antes de um marido violento chegar em casa, é a taquicardia que se sente antes de entrar em contato com algum colega de trabalho abusivo, “é um frio na espinha, uma reação de modificação na distribuição do fluxo sanguíneo. Não é um espírito, nós é que não prestamos atenção aos sinais que o corpo nos dá”, conclui a neurocientista.

Parar e perceber sem medo quando essa visceralidade acontece pode ser fator-chave em nossa tomada de decisões. São sinais ancestrais em nossa evolução e, segundo a pesquisadora, tiveram impacto decisivo para chegarmos onde estamos do ponto de vista de espécie. Muito disso ainda permanece em nosso inconsciente, mas não sabemos exatamente como acessar.

Volto ao neurocientista Christof Koch e à sua pesquisa sobre cérebro e intuição. Segundo ele, parece que o local de operações cognitivas rápidas, automáticas e inconscientes – de onde uma solução surge do nada – reside nos gânglios basais, que estão ligados ao córtex pré-frontal, mas apartados

dele. Os estudos de Koch nos fornecem pistas sobre o que acontece quando o cérebro traz a saída do processamento inconsciente para a consciência. “O que permanece obscuro é por que a atividade no caudado permanece inconsciente enquanto esforços em alguma parte do córtex dão origem à sensação consciente”, segundo o artigo.¹⁶

Sigo com minha máxima: Eu não tenho tempo a perder, preciso saber o que e a quem devo escutar. Meu corpo é o primeiro agente que busco respeitar nesse diálogo. Sigo por caminhos da ciência e também preciso da sabedoria ancestral. Não quero me apegar apenas a conhecimentos racionais sobre a intuição, pois sei que vai muito além disso. Eu preciso investigar a linguagem do coração.

Nessa busca, surgiu em meu caminho uma sábia anciã, e fui alertada por minha intuição de que deveria parar e escutá-la.